

“CEMITÉRIO E NATUREZA”: MITOS DAS ÁGUAS AMAZÔNICAS...

Maria do Socorro SIMÕES
(Coordenadora do IFNORP-UFPA)

“A razão não explica os sonhos.”

Resumo: *As narrativas populares da Amazônia paraense trazem a marca indissociável da região, simbolizada pela particular presença de um rio e de uma floresta detentoras de parte significativa do encanto desta paisagem. O texto privilegia uma discussão em que a água é o elemento mais impressionante, aliado, em particular ao sentido de morte.*

Filósofo dos meados do século XIX, Saintine, autor de *La mythologie du Rhin, et les coutes de la mère-grand*¹ faz referência à lei das quatro pátrias da morte, relacionada com as matérias elementares. Entre celtas foi comum escavar-se a árvore que servia de esquife ao morto, sendo que podia ser enterrada ou entregue à corrente do rio, encarregado de “conduzi-lo sabe Deus para onde”, segundo palavras de Bachelard.

Também é sabido que determinadas civilizações expunham os seus mortos no cimo de uma árvore para que fossem devorados por aves de rapina. E Saintine comenta o fato de operários holandeses (encarregados de escavar um aterro em Zuydersee) terem encontrado, em grande profundidade, vários troncos de árvores conservados por petrificação, que guardavam restos humanos fossilizados – “evidentemente, era o Reno, o Ganges da Alemanha, que os transportara até ali”², conclui o estudioso. Com Jung aprendemos que assim como a árvore, a água é um símbolo maternal. Quando o morto é colocado no seio da árvore e devolvido ao seio das águas, duplicam-se, de certa maneira, os símbolos de maternidade, ao mesmo tempo que se vive duplamente o mito do sepultamento... do que o pensador conclui: “o morto é devolvido à mãe para ser re-parido”.³

¹ Apud, BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. S. Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 14-15.

² *Ibid*.

³ JUNG, C. G. *Mitologemas et símbolos de la Bíblia*. Paris: Jupiter, 1927, p. 225.

é desejo do homem que as sombrias águas da morte se transformem nas águas da vida, que a morte e seu frio abraço sejam o regaço materno, exatamente como o mar, embora tragando o sol, torna a pari-lo em suas profundidades...⁴

Bachelard se pergunta e nos deixa com a mesma interrogação: “Não terá sido a Morte o primeiro Navegador?”⁵

Muito antes que os vivos se confiassem eles próprios às águas, não terão colocado o ataúde no mar, na torrente?... O ataúde, nesta hipótese mitológica, não seria a última barca. Seria a primeira barca. Para alguns sonhadores profundos, a morte seria a primeira “viagem verdadeira”, porque é a única que nos está assegurada. Quem nos assegura a vida?

Portanto, a morte é uma viagem, assegurada, e a viagem é a morte. Partir é sempre morrer um pouco. É Bachelard poetisa: “só se parte bem e corajosamente quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio... Apenas essa morte é fabulosa. Apenas essa partida é uma aventura”⁶

Com exemplo do magnífico verso de Baudelaire: “Ó morte, velho capitão, é tempo! Levantemos âncora!”, Bachelard sintetiza: “para os sonhadores, a água é o movimento novo que nos convida à viagem jamais feita.”

Retomando o antigo mito de Caronte, lembramos que a sua barca é um símbolo que permanecerá indestrutivelmente ligado à desventura do homem. Saintine reconstitui as várias versões do “barqueiro da morte”... desde a antiguidade grega, passando pelos primeiros tempos da Igreja das Gálias, por Dante e Miguel Ângelo, para enfim concluir: “Sem Caronte, não há inferno possível”.

Poetas, pintores, pensadores, homens do povo reencontram todos, em seu sonho de dizer, a imagem de um guia que deve “conduzir-nos na morte”. Sempre que um artista retoma a imagem de Caronte, pensa na morte como numa viagem. Revive os antigos funerais.

Dentre as narrativas que fazem parte do acervo IFNOPAR, uma nos chama atenção pelo que traz de acordado com o que se tem

⁴ JUNG, C. G. *Op. cit.*, p. 209

⁵ BACHELARD, *op. cit.*, p. 74

⁶ *Ibid.*

referido neste texto. É particularmente interessante a maneira como o contador de histórias do Marajó relata a experiência vivida pelos moradores da região, diante de um fato sempre singular. Sendo que esta singularidade se faz em vários sentidos, como convém às narrativas marcadas por encantamento e magia, como referência do viver amazônico. Passemos à narrativa:

O tronco

Em geral, os troncos deslizam na correnteza. Aquele era diferente... e todos ficavam intrigados diante daquele fenômeno:

"Por que ele segue o caminho contrário?", perguntavam entre si.

Picados anos de observação, o povoamento se deu conta do inusitado: aquele tronco chamava a atenção por fazer por uma percurso contrário à corrente do rio.

Ele só aparecia de quando em vez... e isso acontecia quando alguém morria naquelas paragens. Ele era uma espécie de guia dos afogados. Diziam que aquela era a sua missão.

Certa feita, alguns homens resolveram desafiar o tronco. Amarraram-no com correntes fortes, próximo à fábrica de gelo. No outro dia, as correntes estavam lá, os cadáveros também, mas ele tinha ido.

Ele continua deslizando sobre as águas do rio... sempre contrário à correnteza, sempre que alguém morre afogado. (Informante: Sebastião Pereira da Silva).⁷

Vivemos nesta paisagem deslumbrante, oscilando entre o azul e o cinza e invencíveis tonalidades de verde, sob o signo de elementos que nos valorizavam enquanto espécie animal, naquilo que temos de mais genuinamente humano da nossa humanidade: terra e água.

Interessa-nos aqui discorrer sobre água... e lembrar que delas emergem em todo esse espaço mágico: figuras, imagens, espectros, homens, mulheres de que e de quem nunca, em sã consciência devemos e nem podemos duvidar. Seres que brotam do imaginário do homem amazônico, que diante de um espaço de dimensões e

⁷ IPNOBAP – Acervo de mais de cinco mil narrativas.

aparências tão particulares e fantásticas, não encontram justificativa na sua racionalidade, e, nestas circunstâncias, apela-se, incondicionalmente, para um espaço de criação mental, que se manifesta através de um discurso sinalizado pelo que os semioticistas definiriam como “estatuto veriditório”, porque nenhum homem da Amazônia afirma, em vão, a existência destas figuras encantadas.

O sentido de água encontra-se vinculado a três temas suficientemente discutidos nas literaturas tanto ocidentais quanto orientais. Fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência. Os três temas, encontrados desde as mais antigas tradições até as mais modernas reflexões, das literárias às psicanalíticas, formam variadas combinações imaginárias e, igualmente, coerentes.

A água, massa indiferenciada, representa o que Chevalier,⁸ denomina de “infinidade dos possíveis”, contendo todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento e toda ameaça de reabsorção.

Mergulhar nas águas é retornar às origens, carregar-se de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber de uma força nova.

Os matizes e as dimensões da simbologia da água são afeitos a quase todas as culturas do mundo ocidental ou oriental. Rig Veda, clama:

Vós, as Águas, que reconfortais/ trazei-nos a força/ a grandeza/ a alegria/ a visão!...Vós, as Águas, dai sua plenitude ao remédio, a fim de que eu veja por muito o sol!...Vós, ó Águas, levai daqui esta coisa,/ este pecado, qualquer que ele seja que cometi,/ esse que fiz, a quem quer que seja,/ essa jura mentirosa que jurei.⁹

A água é, portanto, a forma da substância da origem da vida e o elemento de regeneração corporal e espiritual. O símbolo de fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. Fluida, sua tendência é a dissolução, mas homogênea, também, ela é igualmente o símbolo da coesão, da coagulação.

Para a tradição cristã, sobretudo, a água é o símbolo da vida espiritual e do Espírito oferecido por Deus e muitas vezes

⁸CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 15

⁹Apud, CHEVALIER, *op. cit.*, p.17.

recusado pelo homem... “Aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede... A água que eu lhe der se tornará fonte a jorrar em vida eterna”.¹⁰

Desde a Antiguidade a água é tida como símbolo de fecundação da terra e de seus habitantes, podendo inclusive ser considerada como fonte de fecundação da alma: o mar, o rio, lagos, riachos representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos mais caros à humanidade.

As narrativas recolhidas pelo projeto IFNOPAP, originárias da memória coletiva, do nosso homem citadino, mas, sobretudo, daquele que vive à beira d'água e não raro “à beira mágoa”, como queria Alvaro de Campos, um dos Pessoa, tais narrativas inserem-se através de tramas e de motivos, que dão conta da nossa Amazônia naquilo que as legitima como um complexo terra/água, a que o IFNOPAP já instituiu chamar, como uma marca das suas buscas e: “entre rios e florestas” de uma Amazônia de dimensões quase descomunais. E, assim sendo, nossas lendas e mitos acabam por se transformar na própria imagem/reflexo cultural da comunidade amazônica que as produz.

Lembramos, a essa altura, Mielietski:

Nas imagens fantásticas da mitologia estão amplamente refletidos os traços reais do mundo circundante. Nesta representação da realidade pelo mito, existe até mesmo uma especial “plenitude”, porque todas as realidades sociais e naturais que tenham o mínimo de importância devem estar radicadas no mito...¹¹

No que diz respeito às narrativas amazônicas, assistimos pontificar-se repetidamente o pensamento do estudioso russo: é-nos tão difícil estabelecer até onde a realidade, desde quando o mito. Confundem-se comumente as experiências de vida e a ficção amazônicas, e o contador não se dá conta dessas linhas divisórias que tanto importa ao analista.

O fato de ser um espaço com marcas d'água tão abundantes, o acervo do Projeto IFNOPAP tem privilegiado espaço cedido aos mitos da água, com histórias de vida e de morte. Botos, cobras-

¹⁰ S. JOÃO. In: BÍBLIA. S. Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993, p.112.

¹¹ MIELIETINSKI, E.M. *A Poética do Mito*. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 196

grandes, iaras, rainhas do mar e outras figuras de menor monta, pontuam as narrativas ora remetendo à gênese da vida, a partir de experiências amorosas que unem humanos e seres encantados, ou mesmo como resultado de união bestial, tão comum por estas plagas; ora referindo a morte, simplesmente como momento extremo, ou seja, como o final assegurado de toda a humanidade, ou ainda como expiação das culpas que "eles não têm"...

Assim, a água com seu encanto, magia e enorme gama de simbolismo permeia as narrativas e transforma o acervo IFNOPAP num grande apelo e celeiro para buscas e insondáveis mergulhos...

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A Água e as Sombra*. S. Paulo: Martins Fontes, 1989.
- CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Literatura*. S. Paulo: Perspectiva, 1978.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- JUNG, C. G. *Métamorphoses et symboles de la libido*. Paris, Jupiter, 1927.
- LEMINSKI, P. *Metamorfose. Uma viagem pelo imaginário grego*. S. Paulo: Iluminuras, 1994.
- LOUREIRO, J.J. *Cultura Amazônica: Uma abordagem poética*. Belém, CEJUP, 1995.
- MIELIETINSKI, E.M. *A Poética do Mito*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- SHEZER, J. *Verbal art in San Blas. Culture through its discourse*. Cambridge: C.U. Press, 1990.
- SIMÕES, Maria do Socorro & GOLDEI, C. *Santarém Conta...* Belém: CEJUP, 1995.
- S. JOÃO. *In: BÍBLIA*. S. Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.